

## Pós-Graduação Lato Sensu

### DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMÊNICO

Hoje o pluralismo religioso é uma realidade que convida a sociedade a se preparar para um diálogo comum. As relações entre as mais diversas tradições religiosas e as denominações cristãs são frutos de um aprimoramento ético e de um desenvolvimento da capacidade de dialogar.

O curso de Pós-graduação Lato Sensu em Diálogo Inter-religioso e Ecumênico da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção tem por objetivo formar e desenvolver a consciência e a prática dos diferentes tipos de diálogo.

O curso é composto por dois módulos:

**Módulo 1** - Os fundamentos do diálogo e suas principais formas

Disciplinas:

O fenômeno histórico-cultural da aproximação entre as religiões; História do ecumenismo; Organismos inter-religiosos e ecumênicos: seu perfil e exigências; Fundamentos antropológicos e iniciação prática do diálogo; Fundamentação bíblica do diálogo cristão-judaico; Teologia do diálogo inter-religioso e ecumênico; A teologia das religiões e o pluralismo religioso; Geografia evolutiva e mapa religioso do Brasil; Pedagogia I.

**Módulo 2** - Reflexão sobre a prática dos diferentes diálogos no Brasil

Disciplinas:

Problemática teológica e prática do ecumenismo no Brasil; O diálogo cristão entre o Oriente e Ocidente; O diálogo com as diversas igrejas protestantes históricas; Pentecostalismo e novos movimentos religiosos; O diálogo cristão com o judaísmo; O diálogo cristão com o islamismo; O diálogo cristão com as religiões orientais; O diálogo cristão com as religiões afro e índias; Pedagogia II.



#### Informações:

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO  
Av. Nazaré, 993 - Ipiranga  
www.teologia-assuncao.br  
(11) 6166-8555

## MANOEL DA NÓBREGA: A PRESENÇA DO CATOLICISMO NA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

*Edgar da Silva Gomes*

O objetivo deste texto é contribuir com uma visão panorâmica sobre os primórdios de São Paulo, no ano em que esta cidade cosmopolita completa seus 450 anos de fundação. Oferecendo um tributo ao inaciano Manoel da Nóbrega, fundador da cidade que raramente é associado a ela. Nóbrega que aportou na Bahia no ano de 1549 seguiu rumo ao sul no ano de 1552, chegando a São Vicente em janeiro de 1553. Por necessidade missionária, foi um dos primeiros estrangeiros a se infiltrar rumo ao sertão de Piratininga neste mesmo ano, onde escolhe um "lote ideal de terra": seguro e fértil para se instalar e dar início à catequese dos nativos daquela região. Enfrentou inúmeras adversidades para realizar esta empreitada e fundar o colégio que deu início a uma pequena povoação, que hoje é uma das maiores cidades do mundo contemporâneo.

### O BRASIL É REDESCOBERTO NO ANO DE 1549

A primeira tentativa de explorar o litoral brasileiro foi realizada através de um consórcio de comerciantes portugueses, liderado pelo cristão-novo Fernão de Noronha, que por três anos recebeu o monopólio comercial. Em troca ele deveria enviar seis navios a cada ano para explorar trezentas léguas da costa brasileira e construir feitorias (regime idêntico ao adotado na costa africana). Em 1505, no entanto a coroa portuguesa resolveu assumir a exploração da nova terra.

Durante aproximadamente trinta anos (1505-1535), o que aconteceu basicamente foi a exploração do pau-brasil, obtido através da troca com os índios (os índios tupinambás forneciam a madeira, atividade comum na sua sociedade, e recebiam quinquilharias como "pagamento"). Os portugueses chegaram à convicção de que precisavam colonizar as novas terras e enviaram uma expedição (1530-1535) comandada por Martim Afonso de Souza (ou as perderiam para os franceses, que não reconheciam o princípio *uti possidetis*, que determinava através da posse da terra o seu "dono"). As capitanias não-hereditárias deveriam efetivar a ocupação da colônia, e foi com este objetivo que Martim Afonso de Souza partiu de Portugal. Mas D. João III decidiu-se pelo sistema de capitanias hereditárias e dividiu a colônia em quinze "lotes", que foram entregues aos capitães-donatários. Essa gente se dividia entre burocratas, comerciantes e pequena nobreza, onde todos tinham em comum suas ligações com a Coroa. Era essa gente possuidora e não proprietária das terras. A idéia das capitanias foi com raras exceções um fracasso, o que fez com que a Coroa mudasse de estratégia novamente. Em 1549 Tomé de Souza foi enviado ao Brasil como governador-geral. Esse novo regime de governo é que vai originar de fato a colonização "em massa" na colônia.

### INSTALA-SE NO BRASIL UM NOVO REGIME DE GOVERNO

Com sede na cidade de Salvador da Bahia, foi criado, no Brasil, um novo regime de governo, foi então instituído o governo-geral no Brasil. A intenção foi a de unir a colônia centralizando as ações e decisões no ultramar em um grupo de pessoas coeso. O Rei D. João III no dia 17 de dezembro de 1548 estabeleceu as normas e regimentos de cada função para o novo regime de governo que implantou no Brasil.

Para o cargo principal, o de governador geral com poder executivo, nomeou Tomé de Souza. O ouvidor-mor desempenhou o papel de autoridade judiciária e foi desempenhado pelo Dr. Pero Borges. O provedor-mor foi o administrador da fazenda e terceiro cargo em importância, desempenhado por Antonio Cardoso de Barros. Na expedição enviada à colônia em 1549 por D. João III, além dos administradores temporais nela se incluía os administradores espirituais: os jesuítas, homens de Deus patrocinados pela coroa para cumprir

o papel ideológico ausente na política portuguesa para enfrentar esta situação nova, colonizar um povo estranho aos costumes europeus. D. João III traçou um plano para colonização do Brasil; Tomé de Souza e Manuel da Nóbrega se dispuseram a cumpri-lo integralmente – "Patrioticamente". Os jesuítas eram tão conquistadores quanto os colonos e os degredados. Só se diferenciavam em um aspecto: uns buscavam as riquezas da terra e outros d'almas. O clero, secular ou religioso, tinha uma missão específica nas colonizações realizadas por Portugal, seja na Ásia, na América ou nas Índias: "manter a fé dos lusitanos e trabalhar para a evangelização dos indígenas". Além de zelar pela ortodoxia da fé, o papel que a Igreja Católica prestava à Coroa portuguesa era o de garantir, por meio da religião, a fidelidade política dos súditos. Neste contexto, temos a figura do padre jesuíta Manoel da Nóbrega, quem foi este sacerdote que desempenhou uma importante missão neste período importante de definição e tomada de posição para uma efetiva colonização do Brasil.

### NÓBREGA: UM MISSIONÁRIO PERSISTENTE

Manuel da Nóbrega nasceu no dia 18 de outubro de 1517, na aldeia de Sanfins, no Minho. Filho do Desembargador Baltasar da Nóbrega. Na Universidade de Salamanca cursou humanidades, depois foi bacharel em cânones pela universidade de Coimbra no ano de 1541.

Entrou na recém fundada Companhia de Jesus aos 25 anos de idade, no dia 21 de novembro de 1544, já era padre. Vestiu o hábito inaciano no Colégio de Coimbra. O Gago finalmente desta vez foi bem recebido em uma instituição. Afinal, o comandante deste "Exercito de Cristo" era um Coxo. Sua capacidade e inteligência o distinguiram, tanto que no ano de 1549 foi designado para missão colonizadora que partiu do reino para colônia como Superior da Ordem no Brasil. Embarcou em Lisboa rumo à colônia no dia 1 de fevereiro de 1549. Aportou no dia 29 de março de 1549, com a aramada de Tomé de Sousa, na Baía de Todos os Santos.

Inácio de Loyola, no dia 9 de julho de 1553, nomeia o Padre Nóbrega "Primeiro Provincial da Companhia de Jesus no Brasil" cargo que ampliou seu comando para toda a América. Fundou o Colégio de São Paulo de Piratininga

no dia 25 de janeiro de 1554. Retornou a Bahia no ano de 1556. Em 1557, na Bahia, fundou quatro residências para catequese: *"Rio Velho, São Paulo, Espírito Santo e São João"*. Em 1559, já muito fraco e doente, pediu que o sucedessem no comando dos missionários. Em 1560 passou seu cargo a seu sucessor, o Pe. Luis da Grã, ano em que retornou a São Vicente. Continuou servindo aos interesses da colônia. Partiu na expedição de Mem de Sá rumo ao Rio de Janeiro. Neste tempo os portugueses tentavam impedir a invasão dos hunguenotes, que pretendiam estabelecer uma colônia na Baía de Guanabara. Continuou até a Capitania de São Vicente, onde organizou com José de Anchieta nova empreitada para pacificar os indígenas do litoral. Logo após, Nóbrega foi Superior do colégio jesuíta fundado no Rio de Janeiro, sua jurisdição alcançou as Casas de Jesuítas de: *"Santos, São Vicente, Piraíninga e Espírito Santo"*.

Morreu no dia 18 de outubro de 1570 com apenas 53 anos de idade, após sua memorável batalha em prol do bem comum dos habitantes da colônia, a qual dedicou sua frutuosa existência. Cumpriu em vida o que desejou quando respondeu num papelzinho a pergunta de seu mestre Simão: O que cada um aspirava ser dentre da SJ? Nóbrega escreveu: *"Quisera não saber o que quero, mas em todo caso somente servir a Jesus Crucificado"*. Sua resposta foi simples e inteligente, no entanto este inaciano serviu também aos propósitos temporais de sua época.

### ANGARIANDO SÚDITOS PARA MEU SENHOR, EL REI

Nóbrega deveria ter consciência que sua missão foi a de apresentar aos indígenas o cristianismo e a soberania da metrópole sobre as terras conquistadas. Afinal, o Rei era o "mediador" entre Deus e os homens e a colônia sua propriedade. O progresso da Metrópole dependia dos novos súditos, disponíveis no "Novo Mundo". Com a escravização dos indígenas, os jesuítas não poderiam realizar eficientemente sua missão. O rei foi <através de Deus> um deus reverenciado e obedecido. Nóbrega deveria transpor muitas barreiras. O inaciano tinha consciência da importância de sua missão para a Corte portuguesa. Como sujeitar os indígenas e realizar a obra de Deus? Nóbrega bem que tentou seguir outro caminho, mas parece mesmo que o destino o impelia para a missão ultramarina.

### NÓBREGA NA COMPANHIA DE JESUS PARA O BRASIL

Talvez se não tivesse sido preterido nas cátedras universitárias, Nóbrega não teria entrado para a Companhia. Em Coimbra, Nóbrega conclui seu bacharelado em cânones. Nóbrega se inscreveu para disputar uma vaga na Universidade. Segundo Reynaldo Kuntz Busch <Presta então excelente prova>. No entanto, sua gagueira o atrapalha na prova oral. No colégio de Santa Cruz de Coimbra, algum tempo depois, o mesmo fiasco. Seu mestre e incentivador, Dr. Aspiciuella, foi seu grande incentivador neste período. Deixou de lado a vida universitária. Ganhou muito mais a Companhia de Jesus e a Igreja. Nóbrega se tornou um grande missionário. O padre Nóbrega foi um homem persistente e ao que parece um bom político.

### NÓBREGA E A NECESSIDADE DE FAZER POLÍTICA

Manoel da Nóbrega chegou ao Brasil na esquadra do primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Nóbrega veio como Chefe e Superior dos jesuítas, chegando a Bahia em 29 de março de 1549. O historiador Robert Southey considerou-o como: "o melhor político do Brasil, dos tempos coloniais". Nóbrega viveu no Brasil durante vinte anos até a sua morte no ano de 1569. Neste período trabalhou com três governadores gerais, com quem gozou de elevado prestígio. D. João III quando iniciou efetivamente a colonização do Brasil, incumbiu os Padres da recém criada Ordem Religiosa da direção da catequese: *"a principal coisa que me moveu a mandar as ditas terras do Brasil foi para que a gente dela se convertesse a nossa santa fé católica..."*.

Nóbrega desempenhou a difícil tarefa de conduzir a bom termo a instalação dos inacianos na colônia. Percorreu a costa brasileira, estabeleceu contato com nativos e colonizadores. Deixou transparecer uma preocupação em suas cartas. Dizia respeito ao que foi nos anos seguintes à ocupação dos sertões e motivo de discórdia entre inacianos e portugueses: os indígenas. O padre Nóbrega colaborou com suas obras para o engrandecimento deste país que temos no século XXI, enfrentou adversidades e abriu caminhos para se estabelecer no solo brasileiro o germen de grandes metrópoles.

## NÓBREGA: O SEMEADOR DE METRÓPOLES

Quando Nóbrega chegou ao Brasil existiam apenas algumas Vilas dispersas pela costa litorânea da Colônia. Não existiam colégios, conventos, cidades ou dioceses. Os poucos padres seculares estavam dispersos. Muitos não cuidavam de seu dever, ao contrário, faziam um (des)serviço ao Evangelho. Os frades ficavam enclaustrados. A propagação da fé cristã estava comprometida. A cidade de Salvador foi fundada com a presença e colaboração de Nóbrega. Em Salvador, foi pároco por algum tempo. Quatro anos mais tarde, ao chegar a São Vicente, subiu a serra rumo ao sertão paulista e fundou São Paulo de Piratininga. Hoje, São Paulo é uma das maiores metrópoles do mundo. Poucos anos após ajudou a defender a baía de Guanabara da invasão dos hungrinos, onde colaborou na fundação do Rio de Janeiro. Nóbrega fez sua incursão pelo mundo da política temporal sem se descuidar de sua missão evangelizadora, sua obra missionária é que acompanha os passos da política temporal dos governadores de sua época.

## UMA MISSÃO COM GÉRMEN DE INCULTURAÇÃO

Sem se descuidar dos brancos, a conversão dos indígenas ocupou lugar de destaque na evangelização inaciana. Do ano de 1549 a 1559, Nóbrega escreveu inúmeras cartas dando informações sobre sua missão na colônia. Procurou conhecer e estudar os hábitos dos indígenas. Os ritos, os ídolos, a música e a magia, seus mitos. A noção de um Deus no céu associado ao som do trovão. A atitude expressada pelo indígena em que comunicavam o medo e o respeito em relação à divindade. Cada uma destas informações serviu para Nóbrega aprimorar sua pedagogia catequética. Utilizou ou refutou cada dado observado, enriquecendo sua ação evangelizadora na conversão dos nativos da terra. Combateu o que considerou ofensivo a religião cristã, como a poligamia e a antropofagia. As exterioridades usuais como corte de cabelo, bebedeira ou seus cantos não os combateu. Esses costumes, pouco a pouco, se afastariam com a catequese. Não quis usar radicalismo ou violências psicológicas. Isto poderia afastá-los definitivamente. Desenvolveu com os indígenas o canto e a música para atraí-los à Igreja. Esta atitude de Nóbrega trazia no seu bojo o

desejo de tornar os índios homens civilizados. Civilizado, naquele contexto, foi ser como o branco europeu cristão. No entanto, seu propósito "civilizador" para com os indígenas não servia aos interesses dos colonos portugueses.

## ENTRE A CRUZ E O TRONO

A escravidão indígena é bastante complexa. O português buscava na América um meio rápido de ascensão para retornar a Europa. Os jesuítas almejavam formar uma nova sociedade, sem os vícios do homem europeu: *"um povo cristão perfeito e do conceito de papel branco onde se inscreveria a verdade"*. Nóbrega atacou a mancebia e o cativo dos índios. A miscigenação povoava a terra naqueles tempos. Os inácianos queriam atacar esses males. Além de escravizar os nativos, os colonizadores se serviam das mulheres indígenas como objeto de seu prazer.

## "PRAZER INCONSEQÜENTE"

A exploração sexual da mulher indígena esteve em curso desde os primeiros colonizadores. Que não eram muitos na primeira metade do século XVI. *"A facilidade de obter índias assultava os portugueses (...) houve quem se desse ao luxo – ou ao desleixo – de servir-se à mesa por mulheres nuas. Padres (...) deixaram-se também levar no rojão da carne."*

Não se trata aqui de uma visão moralista católica, mas da exploração existente sem um compromisso formal. Pois, em geral, homens como o "andreense" João Ramalho havia deixado família em Portugal. A maioria dos homens, como frisado acima, teve o intuito de retornar a Europa após constituir um patrimônio nas terras ultramarinas. As índias, então, eram descartáveis. *"É terrível esta sede maldita de músculos de homens e mucosas de mulher. Infelizmente todo o mal não pára aí"*. Nóbrega, de certa forma, se scandaliza com a imoralidade reinante na colônia. Acreditou, o padre Nóbrega, que a nomeação de um prelado para a Colônia poderia moralizar os costumes dos cristãos aqui existentes.

### O REMÉDIO AMARGO QUE NÃO CUROU OS MALES

Apesar do encantamento com a colônia, a vida lasciva dos colonos assustou Manuel da Nóbrega. Então tratou de pleitear para a Bahia a nomeação de um Bispo. Veio então a nomeação de D. Pero Fernandes Sardinha. Em 5 de fevereiro de 1551, o Papa desmembra o Brasil da diocese de Funchal. Criou a nova diocese pela bula <*Super specula militantis Ecclesiae*>. O Bispo tão aguardado por Nóbrega chegou a sua diocese no dia 22 de junho de 1552. O padre Nóbrega, entretanto, não foi feliz em sua solicitação.

### O ORGULHO DE UM PRELADO

O primeiro Bispo enviado para colônia era um homem culto, mas prepotente. D. Pero Fernandes Sardinha, como ele próprio dizia, foi Mestre do Padre Simão Rodrigues e de Inácio de Loyola. Padeceu do mesmo mal que acometeu muitos mestres daquela época: prepotente e orgulhoso. Tratou os jesuítas de cima para baixo, afinal o fundador da ordem foi seu aluno. Tratou a colônia brasileira como se a cultura indígena já estivesse acostumada com os métodos europeus. Não entendeu o árduo trabalho catequético que os jesuítas, pelas mãos de Nóbrega, estavam implantando no ultramar. *"Metendo os pés pelas mãos confundiu logo de entrada Ásia com América, fazendo absurda questão de impingir ao Brasil o que a Índia aceitara com proveito (...)".*

D. Pero Fernandes Sardinha levantou várias objeções contra os trabalhos já iniciados pelos inacianos. Ao que tudo indica, a confusão começou por causa da confissão por interprete. Sendo necessária, os jesuítas utilizaram deste (lícito) expediente. Deste fato, consta ter desencadeado todo tipo de implicância contra os jesuítas. D. Fernandes Sardinha foi quem exigiu, pela primeira vez, que os nativos não andassem nus. Desculpou, em geral, algumas faltas que os inacianos haviam condenado. Como por exemplo, o concubinato de alguns colonos. Como fazer os indígenas aprender o português ou os padres a língua nativa em tão pouco tempo? Acaso o concubinato foi prática lícita na doutrina da Igreja, em algum tempo? Como vestir a todos, se até mesmo não se tinha indústria para tal empreitada? A promiscuidade do Clero também não foi refreada pelo prelado.

Nóbrega aceitou dos indígenas *"tudo que fosse compatível com a essência da doutrina ou da moral (...) os índios aldeados pelos padres da companhia se achavam em estado de nudez, que era: andam como costumam"*. O Bispo tornou letra morta muita atitude inaciana favorável à catequese indígena adequada à realidade dos nativos. Determinou inúmeras medidas que cerceou a atuação catequética implantada pelos jesuítas. Fechou os olhos para "atuação" do seu clero.

Nóbrega sabia que sua missão espiritual, assim como a exploração das riquezas da colônia, fazia parte dos interesses da Metrópole. Já que o bispo não foi o modelo esperado por Nóbrega, só lhe restava o consolo de imprimir sua missão bem longe de quem estava lhe demonstrando pouca amizade e consideração por seu trabalho até então executado.

### A MISSÃO RUMO AO SUL DA COLÔNIA

Sua maior empreitada rumo a São Paulo ocorreu no ano de 1552 acompanhando o governador geral Tomé de Souza. Antes de desembarcar em São Vicente, no mês de janeiro de 1553, aportou em *Porto Seguro*, onde se encontrou com o Pe. Navarro que, com seus conhecimentos do tupi, *"fazia muitos frutos com os gentios"*, na Capitania do *Espírito Santo* conheceu o Colégio de Santiago fundado no ano de 1551 pelo Pe. Afonso Brás, passou por *Angra dos Reis* e depois desembarcaram na *Ilha Grande*. Ao chegar em São Vicente foram recepcionados pelo Pe. Leonardo Nunes. Sua peregrinação ao sul da colônia foi mais importante para os séculos vindouros do que seus sonhos mais otimistas poderiam imaginar.

### A CHEGADA A SÃO VICENTE: 1553

Após alguns anos Manuel da Nóbrega parte rumo ao sul da colônia. Veio se ocupar com o mesmo trabalho realizado na Bahia. Chega a Capitania de São Vicente no ano de 1553. Com isso se livra da perseguição do primeiro Bispo D. Pero Fernandes Sardinha. De início se pode falar apenas de uma

intenção missionária. A formação religiosa não foi vislumbrada no início da missão jesuítica aos naturais da terra. Naquele período, o aspecto doutrinal e moral na Igreja faziam distinção da pureza de raças ao admitir seus candidatos. A admissão de naturais da terra para a formação religiosa ocorreu somente em algumas exceções feita aos mestiços.

Nóbrega foi impelido pelo desejo de avançar rumo ao sertão. Queria sair da costa, onde todos se aglomeravam, e ir catequizar no ambiente próprio do indígena. Foi assim que Nóbrega subiu a serra de Paranapiacaba junto com seus companheiros. Foram até a Vila de Santo André da Borda do Campo e daí para o planalto de Piratininga. Em Piratininga foi fundado o Colégio de São Paulo, germen de uma futura metrópole brasileira: *A Cidade de São Paulo*. Para chegar a realizar o sonho avançar sertão adentro, os inacianos precisaram, mais uma vez, transpor obstáculos, e este obstáculo tinha nome: João Ramalho.

### O SERTÃO É A META

A Companhia teve alguns conflitos na época da formação de São Paulo de Piratininga. As rusgas foram protagonizadas pelo português João Ramalho amasiado com uma nativa da terra, Bartira, filha do chefe-índio Tibiriçá. João Ramalho teve como fruto desta relação alguns filhos mameiucos. Foi casado em Portugal antes de se aventurar na colônia ultramarina. Segundo carta de Nóbrega, João Ramalho se amasiou com outras índias. Por este motivo foi excomungado pelo vigário secular de São Vicente. João Ramalho foi o "fundador" da vila de Santo André da Borda do Campo. A passagem dos jesuítas em Santo André da Borda do Campo causou alguns conflitos. O padre Leonardo Nunes expulsou João Ramalho da missa. O que causou sério conflito entre Ramalho e os inacianos. A animosidade entre os padres da companhia e João Ramalho se deu por causa do fato acima relatado. Mas isto não foi mais relatado em anos ulteriores. Nóbrega deve ter conseguido apaziguar a relação entre os padres da companhia e João Ramalho. José de Anchieta ainda citou em uma de suas correspondências a atitude dos mameiucos, filhos de João Ramalho. José de Anchieta disse que, com a convivência do pai, tinham o mau

hábito de coagir os índios. A intenção dos Ramalhos foi a de os indígenas deixarem a Vila de São Paulo e irem residir em Santo André. Nóbrega foi considerado por alguns historiadores como sendo um bom político em seu tempo, talvez isso se devesse mais ao seu intuito de evangelizar do que causar disputas infrutíferas ligadas a sua missão. Com isso, o que se viu em suas correspondências foi mais o interesse em relatar os desvios morais e dar notícias da colônia do que as intrigar mundanas.

### JOÃO RAMALHO: UMA PAZ NECESSÁRIA

Nóbrega não tinha interesse em reduzir sua missão disputando terras e índios com João Ramalho. Apesar de João Ramalho cultivar o que Nóbrega mais combateu: mancebia com as índias e cativoiro dos indígenas, como foi relatado acima. Tratou logo de se aproximar do homem que exerceu grande influência sobre os nativos. Nóbrega acalmou os atritos no ano de 1553. Em 1555 a cordialidade "existiu" entre João Ramalho e os jesuítas, segundo Serafim Leite. Mesmo que com algumas reclamações ulteriores de José de Anchieta e do próprio Manuel da Nóbrega, nas cartas jesuíticas. Nóbrega consegue encontrar o lugar ideal para estabelecer os inacianos no sertão.

### CAMPOS DE PIRATININGA: UM LOCAL IDEAL

Manuel da Nóbrega foi impelido a se infiltrar rumo ao interior do país. Primeiro por chegarem boas notícias por parte dos castelhanos. Falava-se de uns indígenas suscetíveis a aceitar com mais facilidade a fé cristã: os carijós. Outro motivo foi à dificuldade dos pais, que moravam no interior, para visitar seus filhos no colégio em São Vicente.

Nóbrega subiu a serra e visitou os campos de Piratininga, de onde colheu as melhores impressões. Notou que os campos eram férteis e propícios para a criação do gado. Além disso, verificou *"que era <ali escala para muitas nações de Índios>, condição esplêndida para o apostolado directo"*. Após estas observações, Nóbrega se convenceu que o melhor a fazer seria levar os me-

ninos para próximo de seus pais. Os elementos considerados para Nóbrega estabelecer um colégio em Piratininga foram: econômicos e topográficos. Encontrado o local ideal para se estabelecer, Nóbrega dá início à construção do colégio de São Paulo de Piratininga.

### A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO SÃO PAULO

O sítio para construção do colégio foi escolhido estrategicamente por Nóbrega. Sua localização, junto ao rio Tietê, confluência com o rio Tamanduatei e o Anhangabaú, foi proposital. Este local dificultou, naturalmente, as investidas dos aventureiros que se lançaram contra a colônia. A serra do mar formou uma barreira natural. Sua bacia hidrográfica levava a grande bacia do Rio da Prata. Com esta localização, a povoação se tornou um centro para a expansão territorial. Como era desejo de Manuel da Nóbrega. Como povoar o local escolhido? Os inacianos, então, lançam mão de mais uma estratégia.

### CAIUBI, TIBIRIÇÁ, JOÃO, ÍTALO, FRANZ...

O chefe indígena Caiubi foi convidado com seu povo pelos jesuítas a se estabelecer nas imediações do futuro colégio de São Paulo de Piratininga. Tibiriçá, morador do local ajudou a "recrutar" os demais indígenas. José de Anchieta comentou o fato em uma correspondência: *"mudou o Padre Manuel da Nóbrega os filhos dos Índios do Campo a uma povoação nova chamada Piratininga, que os Índios faziam, por ordem do mesmo Padre, para receberem a fé"*.

Nóbrega queria juntar três aldeias em uma no ano de 1553. Para se comunicar com as aldeias levou junto o filho mais velho de João Ramalho: *"Como guia, e para autorizar os seus ministérios"*. João Ramalho e sua família exerceu grande influência sobre os nativos. Era dia 12 de junho do ano de 1553. Nóbrega já havia comunicado ao seu superior religioso o desejo de se estabelecer no sertão.

### NÓBREGA SE CORRESPONDE COM SEUS SUPERIORES NA EUROPA

Nóbrega ao chegar a vila de São Vicente alimentou o propósito de se infiltrar sertão adentro. Em março de 1553, relatou a seu Superior o seguinte: *"E segundo o nosso parecer e experiência que temos da terra, esperamos fazer muito fruto, porque temos por certo que quanto mais apartados dos Brancos, tanto mais crédito nos tem os Índios. E somos cada dia importunados por eles: que como tardamos tanto em os ir ensinar?"* Pode ter sido apenas uma deliberação de Nóbrega. Afinal, viu no cativo dos indígenas um obstáculo a sua missão. Se afastando para o sertão, no caso subiu a Serra, poderia ter mais sucesso na sua catequese. Para realizar esta empreitada Nóbrega necessitava de mais religiosos.

### JOSÉ DE ANCHIETA VEIO PARA SÃO PAULO

Manuel da Nóbrega realizou seu intento com a chegada de mais quatro inacianos. Nóbrega enviou o padre Leonardo Nunes à Bahia. Quando Leonardo Nunes retornou, no dia 24 de dezembro de 1553, trouxe consigo mais dois irmãos vindos de Portugal e dois padres. Nesta expedição chegou José de Anchieta com outro irmão, Gregório Serrão. Nóbrega repartiu os padres e os irmãos entre as casas de Piratininga e Maniçoba. Ficaram em São Vicente somente os inacianos indispensáveis para tocar as obras missionárias. Depois de tudo o que realizou de modo prático e intelectual, podemos afirmar que sem sombra de dúvidas o fundador de São Paulo foi mesmo o padre Manoel da Nóbrega.

### NÓBREGA O FUNDADOR DE SÃO PAULO

Para fundador da cidade de São Paulo não há outro senão Manuel da Nóbrega. Vez ou outra se cogita algum (ou alguns) co-fundador(es). Quando uma Casa se abre ou funda, deve haver um idealizador. Não foi por conveniência dada esta honraria a Manuel da Nóbrega. Ele foi o fundador da *Aldeia de*

*Piratininga* em 29 agosto de 1553. E, depois, fundador da *Casa de São Paulo de Piratininga*, no dia 25 de janeiro de 1554. Marco do nascimento da Metropolitana Cidade de São Paulo, e Capital do Estado homônimo.

Nóbrega foi o mentor deste projeto. Ocupou-se de todos os detalhes para que seu projeto se realizasse. Foi uma iniciativa pessoal de Nóbrega, que escolheu “o sítio ideal”, vencendo as dificuldades e oposições de penetrar no sertão. Nóbrega criou os cargos e designou as pessoas competentes para ocupá-los. Nóbrega é o fundador de São Paulo.

Em maio de 1556, Nóbrega informou o padre Miguel Torres sobre a aldeia de Piratininga. O motivo alegado foi levar os meninos estudantes para perto dos pais. A Companhia não podia manter a todos por causa das dificuldades materiais. < poucas esmolas para tanta gente >. Por este motivo Nóbrega disse que passou os meninos para uma povoação, próximo ao local onde viviam. Junto com os meninos enviou alguns Irmãos e se construiu uma Casa e Igreja. Junto com os padres permaneceram somente os meninos que não tinham pais na povoação. A situação financeira esteve sempre presente na realidade inaciana nos primórdios de São Paulo. O regime de padroado foi invariavelmente omissivo, para com os deveres assumidos diante da Igreja de Roma. A Coroa portuguesa foi mais uma das alianças desastrosas da Igreja com o poder temporal.

#### SÃO PAULO DE PIRATININGA E AS DIFICULDADES FINANCEIRAS PARA SE MANTER

Os inacianos não podiam ter bens materiais. Somente colégios. Para fazer da casa de São Paulo um colégio não tinha como mantê-lo. < Vemos que, para se fazer aquela casa de São Paulo collegio, não tem mais que a grangeria daquelles homens (...) há esmola d'El-Rei he incerta. (...) é impossível poderem-se sustentar os Irmãos daquella casa. Nóbrega se mostrou pessimista. A Capitania de São Vicente foi a mais próspera daquele tempo. Mesmo assim, não conseguia manter os inacianos. < E se nesta casa de S. Vicente se não podem manter mais dous ou três, que he a principal vila, quanto mais nas outras partes >. Os jesuítas conseguiram superar as dificuldades iniciais. Mantiveram

veram a aldeia fundada por Nóbrega em 25 de janeiro de 1554. O aglomerado de taperas foi se expandindo. A Aldeia se transformou em Vila no ano de 1567, segundo Pedro Taques. Em 1711, a Vila passou a denominar-se Cidade.

São Paulo surgiu de um pequeno aglomerado de casas, que necessitou de algumas correspondências entre o padre Nóbrega e seus superiores na Europa, com o objetivo de catequizar os nativos do sertão paulista. Nóbrega manifestou a intenção de unir as povoações de “São Paulo” e Santo André da Borda do Campo. O progresso foi acontecendo lentamente, até o século XVIII. Na época da febre do ouro, no final do século XVII, ficou debilitada por causa da ausência dos homens que se aventuraram em busca da riqueza nas minas de ouro onde a mulher e os anciãos foram seu único esteio, cuidaram da lavoura e do pequeno comércio, mantendo a pequena vila no “mapa” colonial. O resultado é a São Paulo Cosmopolita de nossos dias.

#### COLÉGIO OU CASA DE SÃO PAULO DE PIRATININGA?

Nóbrega escreveu para Lisboa. Sugeriu que a casa de São Paulo não fosse de Casa de Meninos. Falou que o melhor seria manter a doutrina nas povoações. Assim, pais e filhos poderiam ser catequizados. Pediu o dizimo < de arroz e meunças > para os padres que continuariam na casa. Se os mantimentos fossem doados < nem teremos necessidade de ter escravos. E com isto e com o mais que a casa tem seria collegio fixo, porque já tem casas e igreja e cerqua, em muito boom sitio posto, o melhor da terra >. Nóbrega escreveu de São Vicente, estava partindo para Bahia. Solicitou ajuda para manutenção da casa de São Paulo de Piratininga. Mostrou a intenção de juntar as povoações de São Paulo de Piratininga e Santo André da Borda do Campo. < (...) perto da Villa de S. André, que he de christãos, e todos os christãos desejão hir aly viver se lhes dessem licença. Coisa que acontece no ano de 1567. Por ordem do governador geral, Mem de Sá, segundo Pedro Taques.

Nóbrega escolheu um local seguro e propício para desenvolver sua missão, assim como um executivo na São Paulo contemporânea, o padre inaciano, chegou cumpriu seu propósito e deixou seus sucessores para dar prosseguimento ao projeto por ele iniciado.

## COLÉGIO DE SÃO PAULO DE PIRATININGA

Pôs-se a caminho <alguns 12 Irmãos, para que estudassem gramática e juntamente servissem de intérpretes para os índios> após as festas Natalícias, no dia 6 de janeiro de 1554. No dia 25 de janeiro, dia da conversão de São Paulo, foi celebrada a primeira missa. Provavelmente na casa que serviu de início também como Colégio: "Chegando a Piratininga, acharam casa; (...) que ia dar nome à casa e à terra, <dissemos a primeira missa em este lugar>". Manuel da Nóbrega deixou como Superior da Casa o padre Manuel de Paiva. O irmão José de Anchieta assumiu como lente da disciplina de latim. O padre Manuel da Nóbrega retornou a vila de São Vicente junto com seu secretário, o Irmão Anchieta. Logo retornaram ao campo de Piratininga.

Piratininga ofereceu melhor condição de segurança e comunicação que as outras povoações. Tanto é verdade, que prevaleceu sobre os outros agrupamentos de indígenas iniciados pelos jesuítas. Eram eles: Maniçoba, Geribatiba e Iberapuera. Manuel da Nóbrega escreveu ainda no ano de 1554, sobre São Paulo de Piratininga, que: "vai-se fazendo uma formosa povoação". Os moradores de Santo André da Borda do Campo também entenderam que São Paulo lhes oferecia melhores condições de vida, se por incentivo de Nóbrega ou do governo geral a verdade é que mais uma vez Nóbrega tinha razão.

## OS ANDREENSES EM SÃO PAULO DE PIRATININGA

Nóbrega entendeu que se os moradores de Santo André tivessem licença, iriam todos morar em São Paulo. Anchieta deu como causa da mudança a dificuldade para dar assistência espiritual aos andreenses, que não tinham sacerdote. O socorro espiritual foi feito com dificuldade pelos padres do colégio de São Paulo de Piratininga. Nóbrega e Anchieta afirmaram que Santo André mudou por vontade da população. Pelo relato dos camaristas de Santo André da Borda do Campo ou pela carta de Manuel Nóbrega abaixo, onde se expõe a situação dos andreenses. Dá-se a impressão de uma decisão popular. Mas o historiador Pedro Taques relata a mudança como sendo uma decisão do governador geral. Não se pode chegar a uma opinião conclusiva sobre mudança da população.

Qual seria a melhor hipótese? Pode ser a convergência das varias opiniões e não de apenas uma imposição temporal ou espiritual. A verdade é que as evidências insistem em apontar para Nóbrega como sendo um homem com habilidades diplomáticas. Manteve bom relacionamento com os governantes e com a população que teve contato em seu período.

## NÓBREGA: BOM RELACIONAMENTO COM O PODER TEMPORAL

Mem de Sá foi sempre auxiliado por Nóbrega no seu governo. Afinal Nóbrega se entendeu bem com os três governadores do período em que viveu na colônia. Tomé de Souza, Duarte da Costa e Mem de Sá não foram empecilho para Nóbrega realizar sua missão. Nóbrega esteve sempre disposto a colaborar com os governantes. Serafim Leite assim definiu: "Nóbrega foi um estadista, principalmente na segunda fase de 1559-1570". Manuel da Nóbrega estava adaptado ao jeito da Colônia.

Nóbrega precisou transpor dificuldades para semear o que entendeu ser o melhor naquele momento. Serviu a Inácio e a João, e nos dois acreditou servir a Deus. Ficou exposto a todo julgamento. Mas trabalhou; se cruzasse os braços provavelmente São Paulo existiria. Ou não! Manuel da Nóbrega acreditou na liberdade, também trabalhou por ela.

"(...) e se hum he senhor de sua liberdade nem por isso a pode sem causa perde (...) E a interpretação, dada à regra que se entenda que he tão excellente a liberdade que os homens por nenhuma cousa a avião de dar (...) porventura se podia melhor dizer que, porque a servidão repugna ao poder que naturalmente se tanto estima, como cousa tão natural e que não tem preço, não he rezão que sem grande causa se perca (...)". (+ Nóbrega).

## BIBLIOGRAFIA

- LEITE, Serafim S. I. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil I (1538-1553)*. Coimbra: Tipografia Atlântida, 1956.
- LEITE, Serafim S. I. *Cartas do Brasil e mais escritos do Pe. Manuel da Nóbrega*. Coimbra: Tipografia Atlântida, 1955.

- LEITE, Serafim S.I. *Páginas de história do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.
- LEITE, Serafim S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Porto: Tipografia Porto Médico, 1938. v.1.
- LEITE, Serafim S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tipografia Porto Médico, 1938. v.2.
- LEITE, Serafim S.I. *Nóbrega e a fundação de São Paulo*. Lisboa: Luso-Brasileiro, 1953.
- MORAES, José Mariz. *Nóbrega o primeiro jesuíta do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.
- PAES LEME, Pedro Taques de Almeida. *Informação sobre as minas de São Paulo – A expulsão dos jesuítas do colégio de São Paulo*. São Paulo: Cia Melhoramentos.
- RODRIGUES, Francisco S. J. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal: A fundação da província portuguesa (1540-1560)*. Porto: Apostolada da Imprensa, 1931. v.1.
- SOUZA, Ney (org.). *Catolicismo em São Paulo: 450 anos da presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- VV.AA. *Nóbrega*. São Paulo: IGHB, 1970.
- MONITA SECRETA: *Instituições secretas dos jesuítas*. São Paulo: A Seara.

Edgar da Silva Gomes é mestrando em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## ENSAIOS DE TEOLOGIA DA VIDA CONSAGRADA A PARTIR DO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA DO PADRE ANTONIO VIEIRA

Célio Ribeiro

Perguntar do Pe. Antônio Vieira tem sido um dos grandes desafios de historiadores, teólogos e comunicadores em geral. E para aqueles que acatam tal desafio faz-se justo e necessário um retorno ao Brasil-colônia, não deste momento histórico, cuja economia sobrevive nas algemas do despotismo norte-americano.

Vieira é o jesuíta mais conhecido da História do Brasil e mesmo de Portugal. O Padre Antônio Vieira sobreviveu de 1608-1697 enquanto missionário, pregador, diplomata, político e escritor. Nasceu em Lisboa e aos sete anos partiu com a família para a Bahia, no Brasil, onde o pai exercia a função de secretário de Governo. Estudou no colégio jesuíta da Bahia, ingressou na Companhia de Jesus, recebendo as ordens eclesiásticas em 1635 e iniciando, nessa altura, o seu trabalho como pregador, função eclesiástica de primordial importância da época e de grande valia também aos nossos dias.

Em 1663, foi convocado a comparecer diante da terrível Inquisição portuguesa, para apresentar esclarecimentos das idéias que defendia, ao questionar a escravidão, a situação dos índios, as questões que envolviam os cristãos-novos e as relações império-colônia. Intrigas na corte e um pequeno mal-entendido enfraqueceram o poder do jesuíta, que chegou a ser amigo íntimo do rei Dom João IV. Perante os juizes, Vieira passa a limpo seu passado: a juventude passada no Brasil, os anos de noviciado na Bahia, seu envolvimento na causa dos índios e afros e o primeiro sucesso no púlpito.